

alicerce

da juventude socialista



Nº 46

23/03/84 à 30/03/84

Cr\$ 200,00

Recado à Brizola, Tancredo, Montoro...

ir ao colégio é TRAICÃO

Rio e São Paulo: massificar os atos contra o recuo

Metalúrgicos do ABC
e do interior de São Paulo:
83% ou Greve!

Greve Geral
pelas diretas
no dia 25 de abril



A crise e o FMI

Um novo "milagre" à vista?



No último fim de semana, a *Folha de S. Paulo*, reafirmou, em matéria assinada por Aloysio Biondi (editor de economia do jornal), que há uma recuperação econômica no país que pode ser medida pela produção industrial em janeiro.

Os dados econômicos foram retirados dos relatórios do IBGE que apontam que a produção industrial de janeiro de 83 foi superior em 3,51% em relação a janeiro de 82, ressaltando que o setor metalúrgico e químico contrataram, nesse mês, 2,5 mil novos trabalhadores. Segundo Aloysio Biondi estes dados "trazem imenso alívio e perspectivas novas à sociedade brasileira, além de enfraquecer o principal argumento contra as eleições diretas, segundo o qual elas seriam inoportunas, agora devido à gravidade da crise atual".

Todo o artigo tem como base a premissa de que o crescimento industrial é um fato real que não pode ser negado, e rebate as críticas que afirmam que esse crescimento é produto da alta exploração dos trabalhadores, apontando que o custo social "é alto, mas isso é uma explicação da realidade que não cancela a realidade". Para ele, esse "acerto" da economia nacional não foi mérito do ministro Delfim Neto, pois este "só deixou de errar nas grandes linhas de política econômica porque foi proibido de fazê-lo pelo FMI e credores internacionais"!!!

PAZ ECONÔMICA x CATÁSTROFE

Qual o significado e a realidade das palavras de Biondi? Ele procura mostrar que se o Brasil for bem administrado, no caso, pelo FMI e banqueiros americanos, ele será um país capitalista viável, que poderá crescer, mesmo pagando a dívida externa. Biondi, na realidade representa todo um setor da burguesia que procura uma "paz econômica", em contraposição a um outro setor burguês que vê a economia do país indo para o buraco. Essas

perspectivas diferentes se ligam a projetos políticos distintos. Aqueles que, como Biondi, vêem a possibilidade de recuperação, apostam na possibilidade das diretas; os "catastróficos", por sua vez, jogam contra as diretas pela possível convulsão social que elas trariam. O que indicam os dados da realidade?

A 5ª Carta de Intenções assinada recentemente com o FMI deixa entrever a possibilidade de que a nossa "recuperação" seja conjuntural, localizada, produto de um super arrocho nos salários e de um violento rebaixamento do nível de vida dos trabalhadores, aliado a um real, porém limitado, crescimento das nossas exportações industriais e agrícolas, produto de um "reaquecimento" da economia americana (segundo um diretor da FIESP, esse crescimento tem se verificado nas indústrias ligadas à produção automobilística, que procuram aumentar seus estoques, temerosas da possível greve de abril dos metalúrgicos do ABC e cidades do interior paulista). Por outro lado, fica claro que esse crescimento tem um limite: vai até o ponto máximo dessa exploração, ou seja, até o momento em que os trabalhadores ponham fim ao regime militar. Em segundo lugar, as dezenas de greves que já ocorreram, nestes dois meses e meio, principalmente no setor metalúrgico, que tiveram como sua causa imediata a luta contra as demissões, negam na prática os tais novos 2.500 empregos (que além de tudo é um número insignificante perante um milhão de desempregados só em São Paulo).

O FMI E AS NOSSAS "ESPERANÇAS"

A nova Carta de intenções com o FMI estabelece entre outras coisas, um novo corte nos investimentos e despesas das estatais (ou seja, um novo corte nos salários do funcionalismo federal), redução do crédito subvencionado (veja o resultado do corte do

subsídio do trigo), redução do déficit público (ou seja, redução dos orçamentos dos ministérios da Previdência, Educação, Transportes, etc.). Isto são sintomas de "crescimento" econômico? Não, são sintomas de um maior estrangulamento dos trabalhadores. Esse estrangulamento, aliado aos efeitos do decreto de arrocho 2065, reduzirá cada vez mais a capacidade de compra do trabalhador brasileiro, o que indica que a indústria dependerá cada vez mais das próprias exportações, que estarão, por sua vez, sujeitas às flutuações do mercado internacional. Por que tudo isso?

Segundo a Carta de Intenções, o novo arrocho nas estatais (e diga-se de passagem, de todos os trabalhadores)... é necessário para compensar um sensível aumento nos pagamentos dos juros da dívida externa e interna. Este é o segredo do crescimento da economia americana. Apertamos muito mais os cintos para dar dinheiro aos banqueiros ianques, que o aplicam na indústria bélica, elevando artificialmente a produção. Assim, a economia americana cresce na medida em que aumenta, via FMI, a exploração de países como o Brasil, Argentina e outros. Esse "crescimento" só existirá, portanto, até o momento em que os trabalhadores desses países digam não ao pagamento da dívida externa.

Portanto, sr. Aloysio Biondi, o "custo social alto" (ou seja, o arrocho, o desemprego, a fome) não é apenas uma "explicação da realidade", e sim a base monstruosa sobre a qual se assenta um conjuntural, efêmero e localizado crescimento industrial, que tem como limite a capacidade de resistência dos trabalhadores. E a campanha pelas diretas dá prova eloqüente de que os trabalhadores não estão mais dispostos a sustentar esse "crescimento" econômico, pois querem acabar com o regime que garante esta situação e com o FMI, arvorado em "tutor" da nossa economia.

LIVROS MARXISTAS

MI Vida Trotsky.....	Cr\$ 7.500,
Hist. de la Revol. Rusa Trotsky.....	Cr\$ 19.000,
Escritos (26 volumes) Trotsky.....	Cr\$ 69.000,
Manuscritos Econ. Filosóficos Marx/Engels.....	Cr\$ 8.000,
Obras Escogidas Rosa Luxemburgo.....	Cr\$ 15.000,

Adquira estes livros através de pedidos à ACS Editora, acompanhados de cheque nominal ou com o companheiro que lhe vende "Alicerce".

Grande Festa em Sto André pelas Diretas
Dia 31 de março - sábado - 20 horas
Cr\$ 200,00 - R. Guilherme Marconi, 174.

Você pode comprar camisetas e broches da campanha das Diretas com o companheiro que lhe vende o jornal, ou, então, em uma das várias sedes de ALICERCE.

Contribua nesta campanha!



Assine Alicerce

Nome _____
Rua _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____
Profissão _____ Idade _____

Para receber Alicerce todas as semanas, durante seis meses, basta preencher o cupom acima e enviar junto com um cheque nominal ou vale postal no valor de Cr\$ 4.800,00 ou Cr\$ 8.000,00 (solidária). Envie para a ACS Editora Ltda. R. Machado Bitencourt, 205 - 04044 - S. Paulo - SP.

Encontre e discuta com Alicerce nestes endereços:

Amazonas
Manaus - Av. Constantino Nery, 812 - casa 5 - Centro

Pará
Belém/Centro - R. Campos Sales, 808
Belém/Marco - Travessa Vileta, 1000

Maranhão
Imperatriz - R. Benedito Leite, 634 - Centro
Plauí
Terezina - R. Simplicio Mendes, 715 - Norte

Pernambuco
Recife I - R. Álvares de Azevedo, 80 (travessa da R. João de Barros)
Recife II - R. 7 de Setembro, ed. Barreiros, apto 602 - Centro

Ceará
Fortaleza - R. Mar. Deodoro, 670 - V. Ardeira - casa 3 - Benfica

Minas Gerais
Belo Horizonte/Centro - R. Curitiba, 778 - sala 805
BH/Barreiro - R. Hoffman, 5-B (esq. R. Olinto Meireles)
Contagem - Av. João César Oliveira, 3041-B 2º Andar

Mato Grosso do Sul
Campo Grande - R. Antônio Maria Coelho, 2031 - casa 5 - Centro

Distrito Federal
Brasília/Centro - Edif. Márcia, sala 809 - SCS
Brasília/Taguatinga - C-12, bloco J, lote 3 - sala 306

Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/Centro - Av. Mal. Floriano, 167 - 2º andar
Rio de Janeiro/Méier - R. Joaquim Méier, 600
Rio de Janeiro/Tijuca - R. Pereira Nunes, 129 - casa 1
Niterói - R. XV de Novembro, 106 - sala 4
Volta Redonda - R. 208, nº 207
Duque de Caxias - Av. Plínio Casado, 5 - sala 118 - Centro

Paraná
Curitiba - R. Desembargador Westphalen, 640 - 3º andar, 11A - Centro

Rio Grande do Sul
Porto Alegre/Bonfim - R. Oswaldo Aranha, 934
Porto Alegre/Zona Norte - Av. França, 742
Passo Fundo - R. Independência, 640
São Leopoldo - Av. Bento Gonçalves, 1431
Canoas - Av. Getúlio Vargas, 4449 - Apto 21
Santa Maria - R. Dona Luísa, 570 - subsolo

Santa Catarina
Florianópolis - R. Hermann Blumenau, 55 - porta 2

São Paulo
Araraquara - Av. José Bonifácio, 1665
Campinas - R. Barão de Jaguará, 1385 - Centro
Santos - Av. Afonso Pena, 418 - sala 22 - Macuco
São Carlos - R. Tiradentes, 37 - Centro
São José dos Campos - Av. Dr. Nelson D'Ávila, 1247 - salas 1 e 2
Ribeirão Preto - R. Prudente de Moraes, 791 - Centro
Sorocaba - R. 7 de Setembro, 277 - sala 2 - Centro
Jundiaí - R. Olavo Guimarães, 75 - sala 3 - V. Arens

Grande São Paulo
Guarulhos - R. João Gonçalves, 468 - Centro
Osasco/Centro - R. D. Primitiva Vianco, 739 - 1º andar - sala 1
Osasco/Rochdale - R. Porto Alegre, 313
Jandira - R. Monteiro Lobato, 45 - fundos - Centro (junto ao correio)
Mauá - R. Barão de Mauá, 497 - sala 26
Santo André/Centro - R. Guilherme Marconi, 174 (esq. R. Santo André)
Santo André/Parque das Nações - Travessa Tebas, 36
São Bernardo/Piraporinha - Pça Piraporinha, 183 - sala 112
São Bernardo/Rudge Ramos - Av. Vergueiro, 4938 - 2º andar - sala 6
São Caetano - R. Paraíba, 467 - Centro
Diadema - R. N. Sra das Vitórias, 200

São Paulo
Lapa - R. 12 de Outubro, 325 - sala 9
Liberdade - R. Sta Madalena, 22
Santo Amaro - R. Cel. Luís Barroso, 240
Ipiranga - R. Cisplatina, 849
Cidade Ademar - Av. Cupecê, 3397 - sala 2
Penha - R. Cel. Meireles, 204
São Mateus - R. Claudio Augusto Fernandes, 190



candidatos

Com este artigo, terminamos com a série de análises sobre os candidatos à sucessão presidencial. Como último artigo apresentamos a nossa proposta, que advoga o lançamento pelo nosso partido, o PT, da candidatura operária de Lula. Nesta série tivemos a oportunidade de conhecer os principais candidatos da burguesia à sucessão presidencial. Maluf e Andreazza surgem como os candidatos do regime, pela sua proposta de manterem tudo como está. Aureliano se apresenta como o candidato de conciliação nacional que procura unir as oposições e parte do PDS em torno de si. Garante também a permanência do regime, porém, com algumas modificações de fachada. Tancredo é a principal figura dos

partidos de oposição para representar o projeto de um governo de conciliação nacional, tendo como base um governo tampão de dois anos. Brizola se destaca por sua atitude servil em relação ao governo, sendo o principal defensor do governo tampão.

Para subtrair os trabalhadores à influência burguesa defendemos a candidatura Lula como aquela que expressa a independência de classe e o rompimento com a burguesia. Só através desta candidatura os trabalhadores poderão participar da campanha pelas diretas com sua própria fisionomia e, assim, dar-lhe o seu conteúdo político, o fim da ditadura militar.

Lula prá presidente!

É desnecessário escrever mais linhas, além das que já foram escritas, para falarmos sobre o papel de liderança que o Lula exerce sobre uma boa parte dos trabalhadores brasileiros.

A imagem de Lula é associada às grandes lutas do nosso operariado, principalmente às do ABC e às principais conquistas políticas obtidas pelos trabalhadores, como o PT e a CUT.

Portanto, o nome Lula é sinônimo de independência de classe, das lutas, de uma alternativa operária e classista às candidaturas burguesas. Um nome que é lembrado por não estar comprometido com os patrões, com os escândalos e com o regime militar. Isto é, em resumo, o que significa Lula, como a CUT e o PT, para milhares de trabalhadores brasileiros.

Não foi por outro motivo que ele é o orador mais aplaudido e reivindicado pelos manifestantes nos atos pelas diretas, fato que independe da presença maciça ou não dos militantes do PT. Isto explica também o seu crescimento percentual nas pesquisas de opinião pública e nas simuladas nas portas de fábricas realizadas em todo o país.

Porém, esse quadro não pode esconder o fato de que é a burguesia quem está, na realidade, dirigindo a campanha pelas diretas. Esta é controlada pelo PMDB e PDT, e estes partidos procuram canalizar o sentimento dos trabalhadores não para o fim do regime militar, mas para uma grande negociação nacional, como indica o recuo dos seus governadores (ver editorial nas páginas centrais).

A única possibilidade de reverter essa situação e impedir que todo o esforço feito até agora termine numa lata de lixo, é a de que os trabalhadores assumam a direção da campanha e avancem para a Greve Geral. A



candidatura de Lula pode significar parte dessa reviravolta. Lançar Lula para presidente significa levar a classe operária a romper com as candidaturas e propostas burguesas. Representa a elevação da consciência operária a uma consciência de classe. Os trabalhadores, ao se identificarem com o seu líder, reforçam o sentimento de que **trabalhador deve votar em trabalhador**, avançando na sua politização e organização. Este argumento ganha amplitude quando comparamos o desenvolvimento da classe operária brasileira com a argentina.

O operariado argentino, ao romper com o peronismo, se dirige para o radicalismo. Alfonsín nada mais é do que um burguês pró imperialista que procura controlar os trabalhadores argentinos para, no fim, levar o país a seguir o mesmo caminho que trilhava com os generais no poder. No Brasil, esta ruptura com as oposições burguesas significa transformar o PT, num partido operário, na real alternativa de organização para a classe trabalhadora. Aqui o movimento é para a esquerda, enquanto na Argentina, até o momento, os trabalhadores se situam no campo burguês. Isto coloca os trabalhadores brasileiros num plano superior ao de seus irmãos argentinos.

Uma proposta para o PT

Com a proximidade do Encontro Nacional do PT, é necessário que sua direção se utilize desse fórum para debater a questão da candidatura de Lula e a organização da Greve Geral. Infelizmente, a sua postura até aqui tem sido a de não assumir o seu papel na direção e organização dessa Greve. Na base desta negativa, encontramos o fato de que a direção do PT acredita na possibilidade da burguesia vir a aceitar a Greve Geral. Cabe, assim, ao PT se jogar com todas as suas forças para, ao lado da CUT, organizar a Greve Geral.

É essa mesma perspectiva equivocada, de uma composição futura com os partidos burgueses de oposição, que leva a direção do PT a considerar inoportuno o lançamento de Lula para presidente. Para nós, essa composição representa a ruptura com a independência de classe dos trabalhadores.

O não lançamento da candidatura de Lula hoje significa o reforço das candidaturas burguesas e de suas propostas. Convidamos, portanto, a direção do PT a assumir esta candidatura e jogar todas as suas forças na sua concretização.

Está aberta, sem dúvida, uma das maiores possibilidades para que o PT e a CUT se afirmem definitivamente como alternativa para o conjunto dos trabalhadores.



Greve pelas diretas

Escolas vão parar no dia 25!

Com o recuo sistemático das oposições burguesas na campanha das diretas, na sua fase decisiva, a bandeira da Greve Geral no dia 25 de abril, apresenta-se cada vez mais, como a única forma de golpear duramente o regime, colocando a sua existência em xeque, e podendo assim, conquistar as eleições diretas já.

Dentro deste quadro, ganha uma importância fundamental a nível da campanha, a greve geral dos universitários e dos secundaristas, no dia 25 de abril, definida pelos seus sindicatos, a UNE, a UBES e a UPES. O movimento estudantil de conjunto, é hoje, concretamente, o único setor da sociedade que vai parar em escala nacional, no dia da votação da emenda Dante de Oliveira.

Sem nenhuma dúvida, o exemplo dos sindicatos estudantis deve ser seguido por todos os partidos, sindicatos e entidades engajados na luta pelas diretas. Fazemos um chamado às organizações dos trabalhadores, principalmente à CUT e ao PT a assumirem a greve geral no dia 25 de abril, jogando-se com tudo na sua preparação dentro das fábricas e em todos os locais de trabalho, assim como os sindicatos estudantis começam a fazer dentro das universidades e das escolas secundárias.

Esse sentimento, se expressou na reunião de diretoria da UPES que definiu a greve secundarista, ao aprovar a publicação de um manifesto, chamando a todos que estão pelas diretas a assumirem a greve geral no dia 25 de abril e a se posicionarem categoricamente pelo boicote ao Colégio Eleitoral.

E agora?

Colégio ou Greve Geral?

Todos os ativistas que participam da campanha pelas diretas devem estar em dúvida, confusos ou revoltados com o recuo das oposições na reta decisiva da luta. E agora? Conseguiremos as diretas? A oposição vai ao Colégio Eleitoral? O governo vai cair? O que fazer? Tentamos, com este artigo, necessariamente mais longo, dar uma visão mais completa do que está se passando, quais são as perspectivas e o que fazer. Pensamos que assim poderemos colaborar para esta discussão.

Dissidência de Aureliano, queda de Stábile, queda de Maximiano da Fonseca. Em pouco menos de três meses de campanha pelas diretas, a mobilização de mais de um milhão e meio de trabalhadores, aliada à brutal crise econômica do país, se transformou no motor da mais profunda crise política já vivida pelo regime militar.

Com a demissão do ministro da Marinha, por suas declarações "aceitando a realização de comícios ordeiros", essa crise explodiu enfim, publicamente, no bastião mais sólido de sustentação da ditadura, as Forças Armadas.

A troca de guarda nos ministérios e os choques cada vez mais frequentes entre os principais personagens do governo e do regime militar dão bem a idéia da força das grandes mobilizações populares que, desde janeiro, têm tomado conta do país, de norte a sul. Em quase todas as cidades em que se realizaram comícios pelas diretas, entre 10 a 12% de suas populações saíram às ruas para exigir diretas já e, com elas, o fim da ditadura. É bom lembrar que massas humanas proporcionalmente iguais a essas aprofundaram no Chile (400 mil nas ruas de Santiago em novembro de 83) e no Uruguai (200 mil em Montevidéu em dezembro) as gigantescas ondas dos cacerolazos, dos grandes enfrentamentos com as ditaduras de Pinochet e de Goyo Alvarez, iniciando o mesmo curso de lutas democráticas que levaram à derrubada das ditaduras argentina e boliviana. Da mesma forma, no Brasil, a existência dessas gigantescas mobilizações populares, combinada à crise econômica que consome o país, coloca na ordem do dia o fim do regime de 64. **A derrubada da ditadura brasileira não é mais uma perspectiva para o futuro incerto, mas uma possibilidade imediata, atual.** Sua concretização depende do avanço dessas mobilizações para a Greve Geral pelas diretas, pelo fim da ditadura. Esse é o grande exemplo que nos deixou a greve geral da Bolívia que acabou com a ditadura militar neste país.

Reformar o regime ou derrubá-lo?

Pois é exatamente essa possibilidade de queda da ditadura que explica os recuos e as vacilações das oposições burguesas na campanha pelas diretas. Já dissemos várias vezes que o PMDB e o PDT não lutam pelo fim do regime militar, como lutam os trabalhadores, estudantes, donas de casas, que, às centenas de milhares, acorrem aos atos e



Julio Bernardes/Agil

Crise no regime: cai Maximiliano

manifestações pelas diretas. Esses partidos e seus políticos desejam apenas "reformular" o regime, ampliando sua própria participação no poder e se preparando para enfrentar em melhores condições o colossal ascenso de massas que se anuncia em nosso país. Por isso se vêm obrigados a mobilizar. Mas, na medida em que as grandes mobilizações políticas avançam, esses senhores buscam contê-las, buscam mantê-las nos limites do "aceitável" da "ordem" e do "pacifismo". Mas não é só. Esses partidos também são governo. E governos dos Estados mais importantes do país. Como tal, aplicam a mesma política de arrocho, desemprego e super exploração de Figueiredo e se valem da mesma repressão. Assim, as massas nas ruas representam também para eles um enorme perigo, principalmente se as lutas econômicas passarem a se combinar com a grande reivindicação política das diretas. Os patrões da FIESP por exemplo, temem a explosão, durante a campanha salarial dos metalúrgicos, de uma grande greve que "descambe" para manifestações pelas diretas. Esse é o mesmo temor dos governadores Montoro, Tancredo, Brizola, com o avanço das mobilizações do funcionalismo e do professorado de seus Estados. Isso explica também porque os governadores estaduais do PMDB e do PDT se constituem na grande vanguarda das tentativas de recuo na campanha até aqui.

Os recuos preparam a ida ao colégio eleitoral

Mas, no fim da linha desse recuo, o



Moreira Mariz

A negociação, unirá Ulysses e Aureliano?

que está colocado? Qual é o objetivo da grande negociação nacional que se desenha à nossa frente?

Na verdade, o adiamento do ato do Rio de Janeiro, a desmarcação do ato de São Paulo, a suspensão do ato de Uberlândia, num recuo orquestrado que chega até a pequena cidade de Jandira, na Grande São Paulo (onde o PMDB, para evitar o levantamento da bandeira da Greve Geral no ato local, expulsou o Alicerce do Comitê Pró Diretas), têm um pano de fundo. Esse é a existência da emenda Leitão que, apesar da recusa formal do governo em baixá-la agora ao Congresso, continua tramitando nos bastidores dos partidos políticos da burguesia. Essa emenda acena com um mandato tampão de 4 anos, aproximando-se da proposta dos sonhos de Tancredo e Brizola, de um mandato tampão de 2 anos, com eleições para presidente em 86 (ao fim de seus mandatos estaduais). Esse ponto, associado a outro (quem exercerá esse mandato) é o que de fato está em discussão entre os patrões e não, como querem os trabalhadores, as diretas, já. O super secretário do governo de São Paulo, o sr. Roberto Gusmão, deixou esta questão quando afirmou que "governo não se derruba, se conquista com negociação".

Exatamente por isso, o sr. Roberto Gusmão e o governador Tancredo Neves definiram, no Rio de Janeiro, a linha mestra de ação dos governos estaduais de oposição, de não mais estimularem os grandes comícios pelas diretas. Daí partiu o telefonema de Tancredo a Brizola, pedindo-lhe que adiasse o ato do dia 21, o que Brizola fez através da manobra

vergonhosa da "pedra no rim" (após ter sido derrotado nesse intento no Comitê Pró Diretas do Rio).

Todos esses recuos, além de enfraquecerem a possibilidade de aprovação da emenda Dante de Oliveira, apontam para a ida do PMDB e do PDT ao Colégio Eleitoral, a 15 de janeiro de 85. É essa a grande traição que agora começam a ensaiar. Se, de fato, essa ida ao Colégio espúrio da ditadura se concretizar, o PMDB, o PDT, todos os seus governadores e políticos, terão lançado à lama todas as suas declarações de princípio pelas diretas. Terão, mais que isso, traído miseravelmente toda a classe trabalhadora, por manterem toda a corrupção, toda a decomposição moral desse regime e, acima de tudo, a fome, a miséria que ele traz para o povo explorado. Por isso mesmo, uma exigência deve ficar clara desde já para estes partidos: **boicotem o Colégio Eleitoral!**

É possível romper esse bloqueio?

Contraditoriamente, o grande processo de mobilização pelas diretas, deflagrado pelas oposições burguesas, adquiriu tal força que dificulta a consumação do recuo por elas ensaiado. O ato do Rio, apesar de adiado, se mantém, e, em São Paulo, o PMDB, para não ir a um novo ato, se vê obrigado a confirmar uma grande marcha, para o dia 16/04. Aqui exatamente está a saída para o impasse. Quanto mais profunda for a mobilização, mais próxima estará a derrota, a um só tempo, da ditadura

militar e da grande negociação nacional para a sua manutenção.

A cada dia que passa, mais se confirma a amplitude da disposição de luta da classe trabalhadora brasileira, a mais poderosa e concentrada do Cone Sul. Ao lado dos grandes atos pelas diretas, os trabalhadores demonstram sua disposição de luta nas greves, cada vez mais radicalizadas, com ocupações de fábricas na maioria delas, contra o arrocho e o desemprego. Esse curso de lutas aponta para campanhas salariais explosivas, principalmente a dos metalúrgicos do ABC, em abril. A combinação dessas greves e campanhas salariais à luta pelas diretas, na medida em que apontam para a Greve Geral em abril, representam uma necessidade para o conjunto das massas populares do país. Por essa via, sim, é possível romper o bloqueio que as oposições burguesas tentam impor à campanha. É possível pela Greve Geral, síntese dos grandes atos e das lutas contra a fome, derrubar a ditadura militar e conquistar as diretas já.

O papel da CUT e do PT

Essa possibilidade coloca para a CUT e o PT uma responsabilidade decisiva sobre o futuro da luta pelas diretas. As nossas duas organizações nacionais cabe jogar aqui o mesmo papel que jogaram a Central Obrera Boliviana (COB) e o Plenário Intersindical dos Trabalhadores, do Uruguai, que dirigiram Greves Gerais em seus países que, no caso da Bolívia, derrubaram a ditadura militar de Garcia Meza e, no Uruguai, golpearam profundamente o regime do general Goyo Alvarez. A CUT e o PT, entre nós, ainda não assumiram, nesse sentido, o seu papel. Seus dirigentes fazem críticas às vacilações do PMDB e PDT, mas não assumem até aqui o chamado claro à Greve Geral para o dia 25 de abril. Jair Meneghelli, presidente da CUT, por exemplo, defendeu a Greve Geral na reunião do Comitê Nacional Pró Diretas (CNPD), mas a CUT não a está preparando nas fábricas. É preciso ter claro que a Greve Geral não sairá com o consentimento do PMDB, mas apesar dele. E, se ela não vier, o mais provável é que prevaleça a negociação e o Colégio Eleitoral.

Greve Geral e boicote ao colégio eleitoral: esse é o caminho

Nós, socialistas, estamos contra o recuo que prepara a participação das oposições burguesas no Colégio Eleitoral.

Estamos a favor de que a CUT e o PT assumam desde já a preparação da Greve Geral para o dia 25 de abril, chamando o CONCLAT, os sindicatos a assumirem também a sua organização.

No dia 4 de abril, será realizada a plenária do Comitê Nacional Pró Diretas que deverá decidir sobre os rumos da campanha até o 25 de abril. Para essa reunião, duas decisões cruciais estão colocadas. A primeira é a marcação da Greve Geral, como ponto culminante dos grandes atos, que deverão ser massificados ao máximo nesta reta decisiva. A segunda é a aprovação do boicote ao Colégio Eleitoral. É necessário expurgar de vez a possibilidade de composição com esse Colégio, pois isso é trair as diretas.

Por isso, estamos a favor de que a CUT e o PT chamem também à CONCLAT e a todos os sindicatos a se pronunciarem na reunião do dia 4 por estes dois pontos — Greve Geral e boicote ao Colégio Eleitoral — a exemplo do que já estão fazendo a UPES, a UBES e a UNE.

Passeata do Rio de Janeiro

150 mil nas ruas, apesar de

Brizola

Durante duas horas, uma massa humana de aproximadamente 150 mil pessoas (a *Folha de S. Paulo* chegou a noticiar 200 mil) se deslocou entusiasmadamente pela Avenida Rio Branco, rumo à Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro.

As mesmas palavras de ordens e cantorias que já se transformaram em marca registrada dos grandes atos pelas diretas, percorriam de ponta a ponta a multidão — “O povo está a fim da cabeça do Delfim”, “Voto direto derruba Delfim Neto”, “Diretas já”. As mesmas faixas, as mesmas bandeiras.

Era a grande e vitoriosa resposta do povo trabalhador do Rio de Janeiro ao recuo ensaiado pelo governador Leonel Brizola, que, após tentar adiar inutilmente o grande comício do dia 21 no Comitê Pró Diretas carioca, apelou para a desculpa da existência de uma pedra no rim para apedrejar o ato e, enfim, adiá-lo para o dia 10 de abril. O ato foi adiado, mas em seu lugar ficou a grande passeata, que rompeu o marco da célebre passeata dos 100 mil contra a ditadura, em 1968.

Esta passeata carioca pelas diretas também foi contra a ditadura, também cobrou, nas palavras de Lula, no comício que marcou o seu encerramento na Cinelândia, a punição da corrupção, da tortura e dos assassinatos cometidos pelos generais que há 20 anos estão no poder. Lula, diga-se de passagem foi o único presidente de partido a assumir, acertadamente, a passeata e a defendê-la contra a omissão do PMDB e PDT.

O governador Brizola não só não compareceu a ela (estava “doente”, enfim), como não lhe deu qualquer apoio material. Não a assumiu para nada, deixando claro que a passeata se deu apesar dele. Se a primeira, ocorrida ao início da campanha, com 60 mil pessoas, já o havia atropelado, esta fez o mesmo com a força triplicada.

Marcada e desmarcada sucessivamente, a passeata dos 150 mil provou que o grande ato que deveria ter sido realizado na quarta-feira, poderia ter arrastado às ruas um milhão de pessoas, se convocado com empenho. Essa mesma possibilidade está colocada para o ato do dia 10 de abril. A passeata carioca foi o grande ensaio para ele. Convocar e massificar os atos dos dias 10/4 no Rio e 16/4 em S.P. é a tarefa central colocada para todos os que querem ver as **diretas já!** prevalecer sobre as negociações e conchavos que conduzem ao Colégio Eleitoral.

metalúrgicos do ABC e interior

83% ou GREVE!

Aqui pode estar nascendo a Greve Geral

ABC, São José, Sorocaba, Itú e Campinas. Uma grande greve metalúrgica poderá sacudir novamente estas cidades e o país em abril. A tradição de luta da vanguarda dos operários brasileiros pode levar novamente a uma greve por 83% de reajuste, estabilidade no emprego, fim das horas extras e reajuste salarial de acordo com a inflação. No interior das fábricas o clima é de radicalização e disposição para a greve. Segundo Meneghelli (presidente cassado do sindicato e coordenador da CUT), “a possibilidade de greve é muito grande, pois os trabalhadores lutarão por suas reivindicações até o final”.

Os patrões não estão dispostos a conceder mais que os 69,9% do INPC, aplicados de acordo com o decreto 2065, o que significa na prática baixar para 56,6% (80% de 69,9%) o reajuste da maioria dos metalúrgicos, que recebem acima de 3 salários mínimos. Preparando-se para uma possível greve, os patrões estão acumulando estoques, for-

çando horas extras como reconhece Paulo Francini, diretor da FIESP.

Uma campanha diferente este ano

A campanha deste não é igual às dos anos passados. A campanha das diretas sacode o país de cima abaixo e coloca o governo na parede, devendo assumir seu pico exatamente em abril, no momento da votação da emenda. Os metalúrgicos assim como todos os trabalhadores estão interessados nas diretas, que é o que se comenta nas fábricas, junto com a campanha salarial. É necessário então buscar unificar as lutas, para o mesmo sentido, o da greve geral pelas diretas e contra a fome. Como se pode fazê-lo?

83% ou greve

A reivindicação imediata de 83,3% já está sendo tomada por boa parte dos ativistas, com a perspectiva clara de

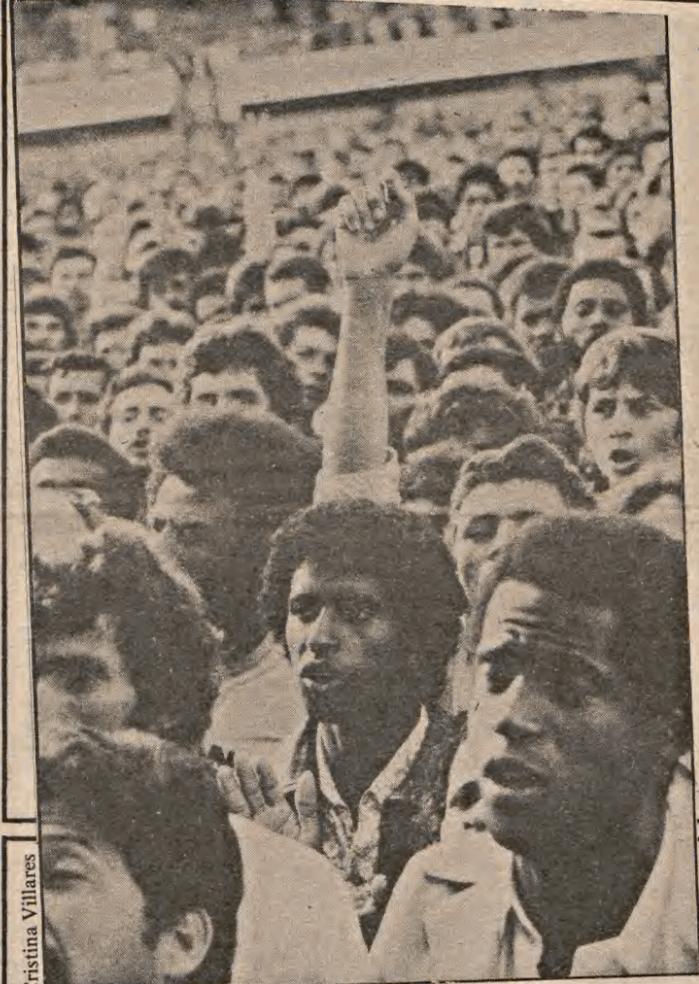
greve. “83% ou greve” deve ser a decisão das assembleias de Santo André (24/3), São José (25/3) e São Bernardo (31/3), entre as outras. Para manter a força do movimento é preciso preservar sua unidade evitando as negociações e as greves em separado, para chegar à greve geral metalúrgica.

Greve Geral dos metalúrgicos pelas diretas

Esta perspectiva deve se somar à adesão à greve marcada pela CUT para abril. Os metalúrgicos dariam um impulso excepcional à campanha pelas diretas se esta adesão ao chamado da CUT se desse pela greve no dia da votação da emenda pelas diretas a 25 de abril. Se a greve pelos 83% sair antes, pode ser retomada a 25 de abril pelas diretas. O que é importante é que aos “83% ou greve” se some agora a perspectiva de greve geral pelas diretas.



Levy Moraes



Cristina Villares

São Bernardo, 1979. Vila Euclides voltará a ter 100 mil?

Metalúrgicos - São Paulo

Vitória! Uma chapa da CUT contra o Joaquinzão e a CONCLAT

Cerca de 250 metalúrgicos de 136 fábricas, realizaram no dia 18/03, a plenária da oposição metalúrgica de São Paulo. Esta reunião tinha como objetivo discutir e aprovar os critérios e o programa da chapa única de oposição. Pelos seus resultados a reunião deu um passo importante para por abaixo o super pelego. A unidade da oposição foi fruto do sentimento da categoria que exigia a ampla unidade das forças de oposição e um programa combativo.

No programa aprovado, consta a luta contra o arrocho, contra o regime militar, a defesa das eleições diretas, o não pagamento da dívida externa e principalmente o apoio à Central Única dos Trabalhadores, a CUT. A inclusão do apoio à CUT no programa foi, sem dúvida, uma importante vitória dos metalúrgicos de São Paulo, principalmente porque até dois dias antes da reunião a direção do PT era contra a sua inclusão, por acreditar que este apoio poderia dividir a chapa.

Como critério de composição da chapa, foi aprovada a realização de convenções por fábrica, convenção regional, e uma convenção final que formará a chapa.

O único ponto falho da reunião foi a não aprovação de um chamado à categoria para organizar e participar da greve geral no dia 25/04.

Cabe agora garantir esta vitória, convocando massivamente as convenções e formando uma chapa combativa, com a participação de todos os ativistas e correntes que contribuíram para a elaboração deste programa e para a garantia dessa vitória.

Fala a oposição química de Campinas

Entrevista com o presidente da chapa, Antonio Luís (Tuim)

Alicerce: Luís, por que oposição?

Luís: Tem diversos pontos. Um deles é porque a diretoria do sindicato leva uma política de conciliação com os patrões. Ou seja, faz acordos às portas fechadas e normalmente os trabalhadores ficam sabendo do resultado através dos próprios patrões. Outro ponto é que a diretoria atual, durante esses vinte anos de ditadura, permaneceu sentada no sindicato sempre com a mesma política de não mobilizar a categoria perante os ataques aos nossos salários e o desemprego. A nossa proposta é exatamente a de reverter esta situação. Ela é baseada na mobilização da categoria para que, organizada e unida, possa lutar contra os patrões e o governo.

Alicerce: Como a oposição vê a participação dos trabalhadores na campanha pelas diretas?

Luís: Acredito que a participação dos trabalhadores ainda não está no pique que deveria. Existe participação de uma parte dos trabalhadores, e nós devemos mobilizar a todos para que entrem e dirijam a campanha. Devemos assim proceder porque estamos

vendo que hoje a campanha pelas diretas é encabeçada pelos partidos burgueses, que no fundo têm uma proposta totalmente diferente daquela dos trabalhadores. Os últimos recuos dos governadores Montoro, Brizola mostram que eles não querem ir até o fim. Eles querem a conciliação com a ditadura enquanto que para os trabalhadores só interessa a sua derrubada. Acho também que a direção da CUT e dos sindicatos devem entrar com tudo nessa campanha, dirigindo os trabalhadores conforme as suas aspirações.

Alicerce: E a proposta de greve geral no dia da votação da emenda Dante de Oliveira?

Luís: Todos os boletins que a chapa soltou até agora deixam claro a necessidade da organização a nível nacional. E isto não é por acaso e sim para que, no momento necessário, tenhamos condições de responder ao ataque do governo. Diante da negativa do governo em aceitar as eleições diretas, a greve geral no dia 25/4 é a resposta que os trabalhadores devem dar. Cabe à CUT, ao CONCLAT, aos sindicatos encaminhá-la.

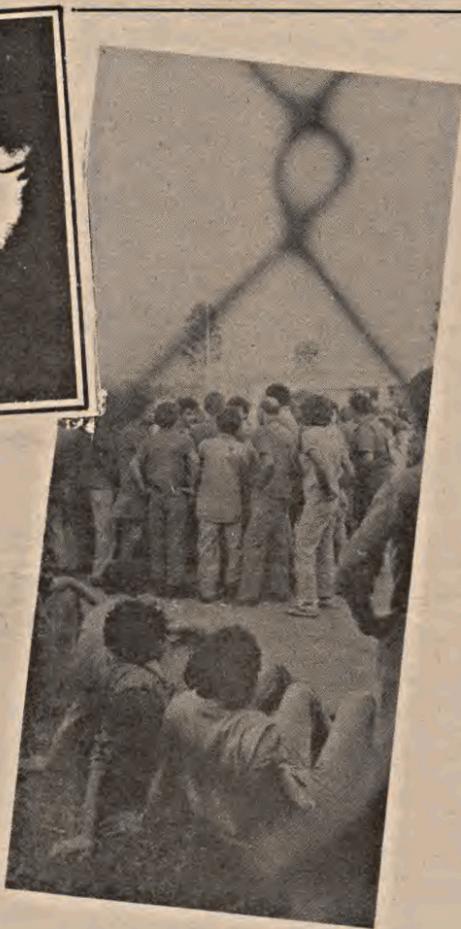
Na linha
de combate
Oposições
Sindicais



Metalúrgicos - Campinas

Greve da Braseixos Carta de um Companheiro Grevista

Este relato nos foi enviado por um companheiro grevista da Braseixos de Campinas, antes que a greve refluisse pela ação de ameaças, suspensões e demissões que os patrões realizaram. Porém consideramos que este relato é importante para mostrar como os companheiros se jogaram na luta e como agiram para garantir a greve, que mesmo isolada, durou por mais de uma semana, terminando no dia 19.



Joaquinzão, símbolo da ditadura entre os trabalhadores

Muitos dos novos companheiros metalúrgicos que hoje estão se iniciando nas lutas da sua categoria, pouco sabem sobre o passado e o papel de Joaquim dos Santos Andrade, presidente há 20 anos do maior sindicato da América Latina, o sindicato dos metalúrgicos de São Paulo.

Joaquinzão, como é conhecido, iniciou sua carreira, como a maioria dos atuais pelegos, após o golpe de 64. Foi conduzido pela ditadura militar ao cargo de interventor do sindicato de Metalúrgicos. A sua primeira missão, a testa da entidade, foi a de "dedurar" à polícia os líderes e ativistas do movimento sindical, e a de excluir a vários operários do sindicato. Em seguida, antes de assumir a presidência do sindicato de São Paulo, ele orientou a elaboração de um relatório de pessoas inconvenientes aos golpistas de 64. Constava desse relatório a biografia de 2.800 metalúrgicos.

Joaquinzão tem a "seu favor" a capacidade de analisar as situações de forma a tirar delas o melhor proveito. Poucos sabem que Joaquinzão assumiu seu primeiro mandato regular no sindicato de São Paulo sendo eleito e não como interventor que era. Para conseguir derrotar a oposição, Joaquim percebeu que a maioria dos metalúrgicos estavam contra o regime. Por isso passou a fazer um discurso anti-ditatorial, ganhando a simpatia dos trabalhadores, enquanto, por meio das forças de segurança, controlava a oposição. Esta mesma habilidade o fez perceber que, em 75, os metalúrgicos estavam bastante desorganizados a ponto de permitir que ele apresentasse e aprovasse, em uma as-

sembléia, uma manifestação favorável às ações das forças de repressão que por este mesmo período tinham assassinado o jornalista Vladimir Herzog.

Mas o momento culminante de sua carreira de pelego "exemplo" se deu recentemente, mais precisamente no ano passado, quando liderando o conjunto dos pelegos do país e também os estalinistas do PCB e do PC do B, provou o racha do movimento sindical, não participando do CONCLAT de São Bernardo, em agosto, que fundou a CUT. Por aí, acabou organizando, em novembro, o CONCLAT da Praia Grande, que adotou uma política favorável aos patrões e ao regime militar.

No momento em que se aproximam as eleições do sindicato é bom lembrar que Joaquinzão também se notabilizou pelo uso da força física não só para garantir que as assembleias não votassem contra ele, como também para assegurar a sua permanente re-eleição. É assim que Joaquinzão instituiu a figura dos "décio malhos", capangas contratados de academias de halterofilismo que têm ordem de agredir a qualquer metalúrgico "menos controlado".

Apesar de não termos relacionado aqui todas as traições de Joaquinzão cometeu (seriam necessárias no mínimo duas páginas deste jornal), estes fatos relatados são suficientes para mostrar o perfil deste que é sem dúvida o maior pelego do país. Em 81, quando "venceu" as últimas eleições do sindicato, o grupo 14 da FIESP (sindicato dos patrões) comemorou a sua vitória com champanhe!!! Isto dá bem uma mostra de como Joaquim é importante para os patrões e um veneno para os trabalhadores.

"O arrocho salarial foi o motivo da eclosão da greve dos funcionários de produção da Braseixos (750 pessoas).

Na segunda-feira, o pessoal da produção carimbou o cartão de ponto, mas não ligou as máquinas e em seguida se encaminhou para o pátio, onde foi escolhida uma comissão de fábrica, com sete elementos.

Até a quinta-feira os patrões não cederam às reivindicações e o TRT julgou a greve ilegal. Conscientes, os operários acamparam na fábrica à espera de uma negociação na sexta-feira. Ocorreu a negociação mas os patrões foram intransigentes e não cederam às reivindicações.

Novamente o espírito de luta dos operários não cedeu à pressão dos patrões e da polícia (que estava nos portões da fábrica), acampando novamente.

No sábado de manhã, o coronel Briz, da PM, e mais 1500 policiais tiraram os funcioná-

rios da Braseixos, a mando do governador Franco Montoro.

Desde terça-feira a oposição metalúrgica de Campinas foi proibida de ir até os portões da fábrica, pois estavam passando informações de grande utilidade ao movimento grevista. Tanto a comissão de fábrica, como os funcionários da Braseixos sentiram-se reforçados no movimento quando tiveram o apoio do deputado federal do PT, Airton Soares; dos vereadores do PT de Campinas e Sumaré, Clóvis Garcia, Toledo e Alcides Mamizuka; do vereador do PTB de Campinas, Miguel Padilha; de Jacó Bittar do Sindipetro e da CUT; do Sindicato dos Bancários de Campinas e da Oposição Sindical metalúrgica.

Ao saírem da fábrica, sob pressão policial, os operários fizeram uma assembleia no estacionamento de veículos, onde decidiram continuar com a greve na segunda-feira e chamarem todos os operários do Brasil para uma greve geral no dia 25 de abril.

Funcionalismo - São Paulo

Professores exigem 70% de reajuste

Com a presença de 2.500 professores, realizou-se no dia 15/03 a Assembléia Geral dos Professores estaduais de São Paulo, convocada pela APEOESP, com o objetivo de organizar a categoria para lutar pela reivindicação de 70% de reajuste salarial sobre os 50% já concedidos pelo governador Montoro, por eleições livres, diretas, democráticas e soberanas de delegados de ensino a presidente da república.

O principal desejo dos professores presentes à assembleia era a de que esta fosse objetiva e democrática. Frustrados com as promessas salariais de Montoro e de participação do professorado, de forma efetiva, na reestruturação educacional do Estado, os professores exigiam que da sua assembleia fosse expurgado todo e qualquer burocratismo. Contra esse sentimento o presidente da APEOESP, Gumercindo Milhomen,

procurou fechar a participação a todos aqueles que tinham propostas contrárias às suas. Disso resultou que os professores não puderam discutir de forma mais elaborada outras propostas de luta, além daquelas apresentadas por Gumercindo.

Assim, os professores aprovaram uma concentração no dia 22, em frente ao palácio do governo, às 15hs, com paralisação das aulas, para exigir que o governador abra negociações. Marcaram também uma nova assembleia para o dia 31/03, para examinar o encaminhamento dessas negociações.

No momento de se decidir quem iria negociar com o governador, todo o oportunismo de Gumercindo ficou claro para o professorado. O presidente da APEOESP imaginava que a rápida aprovação das suas propostas eram sinal de que os professores tinham se esquecido de todas as suas traições e que

o estavam apoiando. Porém a realidade era diferente. Os professores não só não tinham se esquecido, como ainda demonstraram que não confiam nele e nos demais membros da diretoria. Assim em vez de aprovarem a proposta de Gumercindo, que colocava a diretoria da APEOESP como a negociadora, os professores, após inúmeras votações sobre o mesmo ponto, decidiram que a comissão de negociação seria formada pela diretoria da entidade e por uma comissão com representantes eleitos nas sub-sedes e regionais. Este plenário escolheria uma executiva que iria negociar. Depois da aprovação desta proposta, Gumercindo simplesmente acabou com a assembleia, retirando-se dela e deixando por cumprir o restante da pauta. Mais uma vez todo o seu burocratismo e autoritarismo tinham sido demonstrados.

Neste momento, o fundamental é organizar a categoria para fazer do dia 22 um verdadeiro dia de luta do professorado, ampliando sua organização e acumulando forças para uma greve geral por tempo indeterminado para arrancar as reivindicações do governo do Estado.

6

Avançam os plebiscitos pelas diretas

Os Plebiscitos e prévias pelas eleições diretas continuam ganhando terreno em todos os lugares, em todos os pontos do país. Nesse número do jornal estamos divulgando 2 desses plebiscitos e prévias, ocorridos respectivamente em Campinas, encaminhado pela comissão de representantes dos funcionários do Instituto de Física da UNICAMP no dia 16 e, em S. Caetano do Sul, no bairro operário de Vila Gerty, encaminhado por companheiros do Alicerce.

Aqui estão os resultados:

Instituto de Física da UNICAMP

Plebiscito:	SIM	NÃO	TOTAL
	152	02	154

Prévia: (em que candidato votariam numa eleição direta para presidente)

PT Lula - 58	PMDB Tancredo - 9 Ulysses 4 Montoro 2	PDS Aureliano 29 Maluf 5 Andreazza 3
PDT Brizola - 20	Outros: 6	Indecisos: 16

São Caetano do Sul - Vila Gerty

Plebiscito:	SIM	NÃO	TOTAL
	378	2	380

Prévia:

PT Lula 127	PMDB Ulysses 12 Tancredo 10	PDS Aureliano 65 Maluf Andreazza 5
PDT Brizola 18	Outros: 34	Indecisos: 96

UEE-SP

Traição dos

“autonomistas” não impede

a organização da Greve Geral pelas diretas.

Com a participação de 69 entidades, representando todas as regiões do Estado, ocorreu, no último dia 17, a maior reunião de entidades estudantis ocorridas em São Paulo nos últimos dois anos.

Inicialmente convocada como Conselho Estadual de Entidades (CEE) da UEE-SP, a reunião acabou por se caracterizar como de entidades, pela preparação e organização da campanha das diretas e pelo encaminhamento prático das lutas nas escolas.

Essa mudança no caráter da reunião foi produto de dois fatores bem precisos. Por um lado, do ataque vergonhoso dos 9 diretores da UEE-SP ligados à direção estadual do PT (grupo dos 113 e militantes da ex-Liberdade e Luta, também conhecidos por “autonomistas”) contra a reunião e, mais do que isso, contra a organização entre os estudantes da luta pelas diretas. Por outro, da posição do restante da diretoria (Alicerce, Em Tempo, e Independentes), pela preservação da unidade da UEE, na base do encaminhamento das lutas estudantis pelas diretas e por suas próprias reivindicações.

OS FATOS DESMASCARAM OS “AUTONOMISTAS”

Como já vimos nesse jornal, o centro da crise da UEE-SP esteve dado, desde a vitória sobre os burocratas e conciliadores no V Congresso, pelo imobilismo do setor da diretoria composto pelos “autonomistas”, que até aqui tem se valido dos métodos mais burocráticos e oportunistas para bloquear a ação da entidade na organização e mobilização dos estudantes na luta pelas diretas.

A convocação do CEE para o dia 17, assumida pelo restante da diretoria, representou a busca de uma instância superior à diretoria para que a UEE pudesse romper esse bloqueio e avançar no encaminhamento das lutas. Contra essa convocação, os “autonomistas” não hesitaram em aprofundar a crise e os riscos de divisão da entidade, chamando um outro CEE para o dia 24 de março. Essa “convocação” foi decidida por apenas 4 diretores e sua melhor divulgação ocorreu por meio de sua publicação na *Folha de S. Paulo*.

Dando um passo adiante na sua deliberada e criminoso política divisionista, os “autonomistas” compareceram à reunião do dia 17 para atacá-la, acusando a de ser “grupista” e de ter sido convocada com “métodos de pirataria e de cupulismo”. Não importa que a simples comparação entre as duas formas de convocação os desmascare impiedosamente. Na Universidade Federal de S. Carlos, por exemplo, a convocação para o CEE de 17 de março foi feita em assembleia, sendo que a participação do DCE foi aprovada por mais de 100 votos contra 5! Na USP, a convocação foi feita por uma reunião do Conselho de Centros Acadêmicos, à qual os diretores “autonomistas” não compareceram. Qual dos dois métodos reflete cupulismo?

RESOLUÇÕES PARA O AVANÇO DA LUTA

Mas os ataques não pararam aí. Na reunião dos diretores da entidade, ocor-

Uma campanha para os socialistas:

Em cada empresa, escola e bairro,

FORMAR COMITÊS PELAS DIRETAS!

A importância e necessidade da construção de comitês de base pró-diretas vem sendo colocada com insistência pelo nosso jornal. Não é para menos: cada vez mais a organização desses comitês nos nossos locais de trabalho, nas escolas e nos bairros se mostram fundamentais para o aprofundamento da campanha pelas diretas, principalmente na sua vinculação com as nossas lutas cotidianas contra o arrocho, o desemprego, a repressão. No momento em que o PMDB e o PDT começam o seu grande recuo, rumo à negociação com a ditadura, apenas uma ampla e sólida organização de base dos trabalhadores e estudantes poderá garantir o avanço dessa luta e a sua evolução rumo à greve geral, única forma de conquistarmos as diretas.

Por isso, nós socialistas, damos tanta importância à formação desses comitês e encaramos a sua organização como uma das tarefas centrais dos militantes de Alicerce e dos leitores de nosso jornal.

Organizar comitês pelas diretas em cada escola, cada fábrica, em cada bairro é fundamental para a garantia das atividades da campanha, pelo seu aprofundamento e pela ampliação da capacidade de mobilização dos grandes atos. E nas escolas secundaristas e universidades, esses comitês deverão, além disso, se transformar na base de organização e convocação da greve geral de 25 de abril,

aprovada pela UNE, UPES e demais entidades estudantis, e também na garantia do encaminhamento do plano de lutas para a sua preparação (dia nacional de lutas em 28 de março, plebiscito unificado, etc.)

Cada militante de Alicerce, cada leitor do nosso jornal pode formar um desses comitês em sua escola, local de trabalho ou bairro, discutindo com outros companheiros a importância dessa campanha e da definição de atividades mínimas pela sua expansão no local. Por exemplo, é fácil organizar um plebiscito, uma prévia ou mesmo um comício no bairro onde moramos. Ou organizar um debate sobre as diretas na escola, etc. Sempre haverá um número surpreendente de pessoas dispostas a fazer isso conosco. O jornal pode ser um instrumento importante para a organização desses comitês, já que a partir de sua discussão com outros companheiros, poderemos propor a sua formação e as suas atividades iniciais.

Vamos dar a essa tarefa um caráter de campanha. Que cada companheiro socialista, militante de Alicerce ou leitor de nosso jornal discuta na sua escola, local de trabalho ou bairro a formação de um ou mais comitês. E que cada companheiro, a cada comitê formado, informe ao jornal, para que possamos acompanhar passo a passo os avanços obtidos no encaminhamento dessa importante tarefa. A luta companheiros!



Alicerce presente no Ato em Osasco



e na passeata do Rio

rida já no dia 17, esse setor também tachou e Conselho de “manobra contra o movimento estudantil” e pretendeu submeter essa caracterização à votação, já que tinham maioria de um voto. Essa votação não poderia ser aceita pelo restante da diretoria, pois ela sim representa um atentado ao movimento estudantil, na medida em que se trata de um pretexto repelente para não encaminhar a campanha das diretas no setor. Os “autonomistas” foram desafiados pelos demais diretores a levarem essa votação para a plenária, perante as 69 entidades, muitas delas com representantes tirados em assembleia. Evidentemente os “autonomistas” não aceitaram tal chamado e optaram por “votar” e “aprovar” sozinhos essa vergonhosa deliberação.

Mas não foi essa a única decisão desse setor. Diante do impasse armado por ele, que apontava para a divisão da entidade, com a convocação de um CEE para o dia 24, os demais diretores apresentaram a proposta de que a reunião que se realizava abdicaria de seu caráter de CEE, passando a ser uma reunião de entidades, sendo assumida como tal pelo conjunto da diretoria, ocorrendo o mesmo com o CEE do dia 24, que seria convocado unitariamente. Os “autonomistas” recusaram essa proposta de unidade, deixando a nã o seu divisionismo premeditado. Ainda assim, as 69 entidades presentes à reunião não assumiram como CEE e decidiram convocar e comparecer em peso ao CEE do dia 24, para romper o seu caráter paralelo e para desmascarar o bloco “autonomistas”, torpedeador da luta pelas diretas, revelando-se na prática, coluna avançada da conciliação no interior do movimento.

A prova derradeira do fato de que os “autonomistas” se valem de qualquer método para frear a luta pelas diretas foi dada pelas próprias deliberações da reunião do dia 17. Foi aprovada a organização e preparação do plebiscito dos dias 26 e 27 de março, com a distribuição das cédulas e cartazes unitários para todas as regiões do Estado. Foi aprovada a realização de atos em todas as regiões e de um grande ato na Praça da Sé, em São Paulo, no dia 28, Dia Nacional de Luta chamado pela UNE.

Foi aprovada a Greve Geral universitária no dia 25 de abril, com chamado à extensão da paralisação para todos os demais setores da classe trabalhadora. E foi tomada posição contrária à do governo Montoro e do PMDB paulista, exigindo a marcação do grande ato de São Paulo pelas diretas no dia 17 de abril.

Todas as atividades aprovadas serão encaminhadas em conjunto com a Associação Nacional dos Docentes no Ensino Superior (ANDES) e com a Federação das Associações de Servidores nas Universidades Brasileiras (FASUBRA).

Foram estas resoluções que os “autonomistas” buscaram torpedear. Se persistirem na sua vergonhosa política fura greve e traiadora, esses diretores deverão conhecer, no próprio CEE do dia 24, o desmascaramento do movimento estudantil paulista. E note-se que já fizeram de tudo para merecê-lo.

Greve da Metodista - São Paulo

Vitória!

Após 22 dias de greve e uma semana de ocupação da reitoria, enfrentando até cerco policial, os estudantes da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de São Bernardo do Campo, São Paulo, obtiveram uma das maiores vitórias do movimento estudantil nos últimos anos.

No dia 19, em reunião com os comandos de greve dos estudantes, a direção do Instituto Metodista cedeu, atendendo às reivindicações.

Os alunos reivindicavam a demissão do interventor da Faculdade de Comunicação (ver Alicerce nº 45), a readmissão dos cinco professores demitidos durante a luta, a responsabilidade direta da Congregação do Instituto sobre a Faculdade e eleições diretas para diretor.

O interventor, por força da luta, acabou por se demitir e o seu pedido foi aceito pela Congregação. Os cinco professores foram readmitidos e a Congregação concordou em indicar um de seus membros para assumir a direção da Faculdade por 60 dias. Nesse prazo será encaminhada, pelos alunos, professores e direção do Instituto, a reforma dos estatutos da Faculdade, abrindo caminho às eleições diretas para diretor.

Sem dúvida, trata-se de uma grande vitória dos estudantes da Metodista que, por certo, irá redobrar o ânimo de luta do conjunto dos estudantes pela democratização da universidade.



No Cone Sul,

A Greve Geral na ordem do dia

Com uma grande jornada de protesto marcada para o próximo dia 27, o povo chileno retoma sua luta para derrubar o ditador Pinochet, enquanto este reitera sua intenção de permanecer no poder até 1989...

No Uruguai, grandes manifestações acolheram, no dia 20, a libertação do general Liber Seregni, ex-candidato presidencial, após oito anos de prisão. A ditadura uruguaia começa a procurar interlocutores para uma possível negociação...

No seu próximo Congresso, a Confederação Operária Boliviana (COB) vai discutir nada menos que a questão do poder no seu país...

Estas notícias estão nos jornais, nos últimos dias. São fatos isolados, ou será que os acontecimentos dos países do Cone Sul refletem, através de sua diversidade, um processo comum?

Uruguai lembra Brasil, que lembra Argentina, que lembra...

Nos tímidos acenos de "abertura" das ditaduras uruguaia e chilena, é fácil perceber o modelo do governo brasileiro. Mas os generais daqui, por sua vez, temem a "argentinização" do Brasil (isto é, o julgamento das Forças Armadas por seus crimes). E na Argentina, em meio à euforia pelo fim dos anos de repressão, o presidente Alfonsín bem sabe que na Bolívia, pouco mais de um ano após a queda ditadura, as organizações dos trabalhadores já entravam em confronto aberto com o "novo" governo.

Nesses vários países, as centrais sindicais recentemente construídas ou reconstruídas — a COB, o PIT uruguaio, o CNT chileno — tomam a dianteira na mobilização dos trabalhadores. E uma palavra de ordem percorre todo o sul do continente: greve geral!

Revolução democrática, o primeiro passo

Em todo o Cone Sul, os anos 80 estão marcados pela recuperação de forças do movimento de massas, que — encabeçado pelo proletariado, engrossado por amplos setores populares — sai à luta contra a exploração, o desemprego, a miséria, a repressão.

Nesse combate, o primeiro grande obstáculo são as ditaduras que se multiplicaram na década de 70 e que, a ferro e fogo, aplicaram seus planos de arrocho, enriquecendo as multinacionais, os bancos imperialistas e pequenos grupos das oligarquias e burguesias locais, às custas de milhares de mortos e da fome de milhões.

A derrubada dessas ditaduras, a **revolução democrática**, faz parte da luta dos trabalhadores pela construção de seu próprio poder. E, golpeando essas correias de transmissão do imperialismo, inscreve-se no ascenso revolucionário mundial.

Não é um processo homogêneo. Perú, Bolívia e Argentina já realizaram sua revolução democrática. Uruguai, Chile e Brasil ainda estão por concluí-la.

Argentina — a calma antes da tempestade?

Dos países que já se livraram de suas ditaduras, a Argentina é hoje o pólo mais estável. Um gigantesco processo de mobilização, desencadeado a partir da guerra das Malvinas, provocou a queda de Galtieri,

destruiu o último governo militar através de três greves gerais, arrancou as eleições que levaram Alfonsín à Presidência.

Na euforia da vitória da revolução democrática, a maioria da classe média, e também boa parte do proletariado, espera que Alfonsín cumpra suas promessas. Nos sindicatos, nas fábricas, os trabalhadores continuam levando suas reivindicações, mas não se voltam contra o governo. A burguesia aproveita este momento de estabilidade para fortalecer as instituições parlamentares, baseadas na Constituição de 1853.

Mas nem tudo é tranquilo... As Forças Armadas, pilar de sustentação de qualquer regime burguês, estão encontrando dificuldades para recompor-se, ante os ataques causados por seu comprometimento com a repressão. O problema da dívida externa foi adiado, mas não resolvido: é impossível melhorar as condições de vida da população e, ao mesmo tempo, pagar os juros escorchantes dos banqueiros internacionais. E nas lutas salariais, está surgindo uma nova vanguarda, de curso ainda indefinido.

A evolução da situação argentina ainda é incerta. Pode conduzir à contra-revolução. Mas pode também levar a enfrentamentos dos trabalhadores com o governo, como começa a ocorrer no Perú.

Perú: um governo desgastado

Como na Argentina, a burguesia peruana capitalizou a revolução democrática realizada pelas massas. Após a derrubada do ditador Morales Bermudez em 78, e a convocação de uma Assembléia Constituinte, subiu ao poder um governo de coligação de partidos burgueses, profundamente ligados aos interesses imperialistas.

Ante o agravamento da crise econômica e a repressão às organizações populares (a pretexto de combater o terrorismo do *Sendero Luminoso*), esse governo está hoje profundamente desgastado.

Isto ficou claro nas últimas eleições para os conselhos locais e provinciais, com o fortalecimento do APRA (um partido burguês nacionalista) e, principalmente, com notáveis vitórias da *Esquerda Unida*.

Após uma seqüência de grandes greves e mobilizações estudantis, o movimento de massas busca formas de luta conjunta. A central sindical peruana (CGTP) convocou para o fim deste mês uma Assembléia Popular, com a proposta de greve geral por um dia. Os socialistas revolucionários propõem greve geral por tempo indeterminado, questionando diretamente o governo. Como na Bolívia...

Bolívia: a COB deve ser governo

O que a Argentina está passando hoje, a Bolívia já viveu logo após a greve geral que derrubou o ditador García Meza e levou ao poder o presidente constitucionalmente eleito, Siles Zuazo, em fins de 82. Assim, como as massas argentinas confiam em Alfonsín, as massas bolivianas deram a Siles Zuazo um crédito de confiança, para encaminhar a solução da crise econômica.

Durou cem dias. Então, Siles Zuazo baixou um novo pacote de medidas econômicas de "austeridade". Os mineiros, os operários e os camponeses bolivianos não aceitaram a continuidade da exploração. A mobilização, encabeçada pela COB, foi crescendo continuamente (como hoje no Perú).

A Bolívia vive agora a terceira etapa após a revolução democrática. Não existe alternativa burguesa à esquerda

de Zuazo. Ao próximo Congresso da COB cabe decidir se aceita participar do governo (como querem alguns de seus dirigentes) ou se passa a exercer, agora, o seu próprio poder. Um governo dos trabalhadores — a COB no governo!

Abaixo a ditadura em todo o Cone Sul!

Nos países que ainda não cumpriram a tarefa de revolução democrática (Uruguai, Chile, Brasil), o vigoroso ascenso de massas já faz tremer as ditaduras. Ao grito de *Diretas, já!* ou de *Se va a acabar...*, multiplicam-se as manifestações de protesto, os *cacerolazos*, os comícios, os enfrentamentos nas ruas, as greves contra o governo.

Os militares brasileiros saíram na dianteira numa defesa preventiva, através do processo de "abertura". É o caminho que até Pinochet e Goyo Alvarez estão começando a trilhar, como única saída para manter o regime. Mas é um caminho que lhes custa profundas divisões no interior de seus principais sustentáculos, as respectivas Forças Armadas.

As burguesias também se dividem. Buscando formas de participar no poder, setores burgueses incentivam a mobilização popular... e logo a freiam, quando esta ameaça escapar ao seu controle.

Começa a ficar claro para os trabalhadores, os recuos e traições desses líderes burgueses que se dizem "democráticos". E cresce a consciência de que, para derrubar a ditadura, é preciso golpear com mais força.

Na vanguarda desse movimento estão os trabalhadores uruguaio, que com a greve geral de janeiro, que paralisou totalmente o país, fortaleceram o recém-criado PIT.

Da mesma forma, para avançar além das sucessivas jornadas de protesto, os chilenos começam a exigir do CNT que convoque a greve geral.

Em comparação ao PIT e ao CNT, a CUT — potencialmente a mais poderosa central sindical, pela própria força do proletariado brasileiro — ainda não se consolidou, precisamente porque não se lançou vigorosamente ao seu papel de encabeçar esta luta, com as armas da classe operária.

Assim como os peruanos em 77, os bolivianos em 82, os argentinos no ano passado, os trabalhadores brasileiros, uruguaio e chilenos contam com a maior dessas armas — a **greve geral** — para derrubar estas odiosas ditaduras e abrir caminho para um governo dos trabalhadores.



Abaixo Pinochet! VIVA CHILE!

No dia 27, o povo chileno mais uma vez leva seu protesto às ruas de Santiago, Concepción, Valparaíso. Em São Paulo, no mesmo dia, um ato público convocado pelo Comitê de Solidariedade ao Povo do Chile manifestará também o nosso repúdio à sangrenta ditadura de Pinochet. Todo apoio aos trabalhadores chilenos!

Sindicato dos Químicos - R. Tamandaré, 348 - 19 horas